Anno I — OVAR, quinta-feira, 2 de Julho de 1908 — Numero 10

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

Director — Antonio Valente d'Almeida
Redacção: Rua de St.ª Anna

Propriedade da Empreza do jornal "A PATRIA,,

Administrador — Fernando Arthur Pereira
Rua das Figueiras

ASSIGNATURA
Em Ovar, semestre. . . . . 500 réis
Avulso . . . . . 20 »
Para fóra da villa, accresce o porte do correio

Composição e impressão — IMPRENSA CIVILISAÇÃO
de Viuva de Manoel F. Lemos
RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219 — PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis
Permanentes e reclames a preços convencionaes.
Communicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento.

Adeantamentos

Nós, se fossemos monarchicos com *cotação* e mesmo por o sermos, exigiriamos que se aclarasse por completo o assumpto—*adeantamentos*—para não estarmos envolvidos em tão desagradavel atmosphera de suspeição, para sacudir, permitta-se-nos a phrase, a agua do capote. Agora, tendo responsabilidades de chefe ou de *feld marechal*, porque morreu o homem a quem principalmente aproveitaram e o actual reinante n'elles não está *pessoalmente* envolvido, vir dizer que a dilapidação dos redditos publicos é uma questão morta e se lhe deve *pôr pedra* em cima, lá nos parece uma extranha theoria criminologica, uma bizarra comprehensão da moralidade. Seria sem duvida commodo para todas as especies de ladravazes! Sim! porque a lei é egual para todos e não se ha-de applicar com mais rigor a um reles roubador de *piúgas*.

No emtanto as maiorias parlamentares, onde fatalmente ha-de haver muita gente honesta, incapaz de subtrahir a bolsa do seu semelhante, guiadas por uma disciplina cega e deprimente, estão a cobrir ministros confessadamente *infieis*, tornando-se d'este modo cumplices no attentado.

Mas não conviria ao regimen sanear por uma vez o seu organismo, fazendo amputar os membros putrefactos, que ameaçam a sua propria existencia?! mas não será essencial elemento vital para a monarchia *aclarar* a atmosphera, arredar os membros que se *prove* terem prevaricado?! *se a monarchia podesse* . . .

* * *

Mas não ha possibilidade. Fazer toda a luz sobre os *adeantamentos* é pôr a descoberto os erros e crimes que *todos* os partidos têm praticado contra a Nação, arruinando as suas finanças, postergando o fomento das suas principaes fontes de riqueza, transformando-a em logradouro privativo d'uma familia morganatica e *validos*, deixando o maior numero, os trabalhadores, os productores, na miseria e na ignorancia; é a confissão d'uma relaxação sem nome, após a qual só restaria o esphacelo, a dissolução, a dispersão das *clientellas*.

O egoista instincto de conservação não lhes consente tal acto de coragem nem as *clientellas*, sempre obedientes e promptas para toda a casta de serviços, briguem ou não com a dignidade civica, tolerariam tão flagrante *ingratidão*.

Por outro lado o rei, assediado por um sem numero de aulicos parasitas, que defendem por todo o preço o seu talher á mesa palaciana, e preso nas malhas apertadas da rêde oligarchica, que quer a todo o custo manter o poder para satisfazer a cubiça, a ambição e a vaedade, quéda impotente para restaurar a liberdade e introduzir a moralidade na administração publica, caso isso dê na real *gana* . . .

Mas resta o paiz, que saberá cumprir o seu dever.

* * *

Mas se não, se a impunidade tem de cobrir os *adeantadores*, que ao menos os conheçamos para apertar o casaco á sua approximação. A synonymia deve augmentar; a lingua deve enriquecer-se. Roubar terá mais um synonymo: *adeantar*. O termo é mais dôce, mais parlamentar. Concordamos com a substituição, comtanto que tenha o applauso dos *auctorisados* e entre na linguagem official com aquella significação, como executoriamente já entrou nos cofres publicos. Depois d'isto que não se offendam por lhes chamarmos *adeantadores* e que venham a publico, como qualquer *Petiz das Gravatas*, cynicamente fazer *gala* das suas *habilidades* e exteriorisar o seu *engenho*. Que fiquemos sem o alfinete da gravata, mas nos deliciemos perante uma manifestação de *talento*.

Philodemo.

A OBRIGA

Coup de téatre

E' o que para muito breve, com a questão mortal dos adeantamentos certos politicos, diz-se, preparam. José Luciano,—Cezar Vautrin da mânha, nos mesmos diz-se, é quem jogará a cartada como grão Lamma do *fregolismo* politico. Ah! mas assim sendo, quanto sua Excelencia se engana!

Não ha-de sêr com arteirices, nem com habilidades, nem com recursos de enredo que sua Excelencia, por muito que a competencia lhe sóbre, liquidará a questão.

Os adeantamentos poderão sonegar-se pela força, pela violencia, até pelo encarceramento e até pelo morticinio; mas é inutil, é infantil querer abafal-os, já agora, com habilidades irritadoras.

Sabe-se que os houveram, embora se não apure a conta certa das somas; sabe-se que os criminósos são os ministros do estado, os chefes de partido e os adeantados, que foram varios, e isto que é um facto concreto nos dominios da consciencia social — como será possivel pulverisar-se?!. . .

Por mais que façam não o conseguiriam jamais; é a Verdade que se não esconde, é a Justiça que se não ilaqueia, e quando a Verdade e quando a Justiça tão alto clamam, pódem embora matal-as na boca dos revoltados mas nunca a pódem grosseiramente iludir,—negando-a.

Ah! a velha rapoza imajina-se talvez, ainda, nos aureos tempos em que a sua carta, no bluf, era como a flauta de Orfeu; é que se não lembra de que afinal ele proprio foi antecedente e motôr dos consequentes d'agora; e é que afinal ha pôvo ou, muito breve, parece que o vae haver. Os. . . adeantamentos, que não são apenas o crime particular e restricto de um ou outro ministro mas o insofismavel, o vergonhoso crime maximo da monarquia, hão-de sêr julgados pela Nação, e da inexoravel sentença ha-de saír—a Republica.

A não sêr assim cahimos no mais horrendo rebaixamento, seremos o escarneo, a vilta de todo o mundo. E para isso tambem de nada prestam as mânhas. . .

Sim! A hora que se avizinha é a mais solene, a mais grave que soará para nós. Depois d'ela—o quê?. . .

As mânhas de José Luciano?! E' absurdo! Não!

Antonio Valente.

ECOS DA SEMANA

«Mundo Interior».

Com uma obsequioza dedicatoria foi-nos mandado por seu autôr—Santos Luz.

E' um volume de preciozos sonetos, alguns dos quaes superiormente perfeitos, e onde uma espiritualidade e uma emoção delicadas afirmam, de par com um seguro talento, uma organisação artistica afectivamente simpatica, e uma riqueza de ideação alta e nobre.

Leem-se com aprazimento, sem fadiga; e, se nos é pelo enunciado do pensamento caro o poeta, a sua Arte como forma, como expressão, como colorido e viveza, marcando um logar distincto, faz honra a quem quér que seja.

Na «Ara» damos hoje aos nossos leitores, o regalo de sonetos do belo livro.

Os persas.

Ha tempos o schah, forçadamente, outorgou ao seu paiz uma constituição. Depois, por lealdade monarquica, lembrou-se de a desfazer a tiros de metralha e assim o fez — bombardeando S. Bento lá de Teheran.

Ora os deputados, como persas incivilisados, com uma grandeza unica defenderam com a vida e com o mais admiravel exemplo de abnegação, de corajem e de ardôr civico, — as leis constitucionaes.

E ora aonde isto acontece. . . é na Persia,—nem os senhores sabem onde é!

Transcrição.

Publicou «O Democrata» o extrato que aqui haviamos feito do artigo «Hœmopathia Real» de Bruno na «Voz Publica»—e as nossas anotações.

Esqueceu lhe porem dizer que de «A Patria» era a transcrição.

Simples esquecimento — sabemos.

A decadencia. . . da republica.

O qualquer Acacio que, de emprestimo, na «Discussão» em todos os tons tem cantado a burrice da «decadencia» por esta é que não esperava. Ver o Brazil uma republica, fazer a enorme encomenda de uma formidavel esquadra! Que ele valha a verdade, não ha potencia naval que nos faça sombra.

Pois se nós temos o terrivel Pimpão e o invencivel D. Carlos, duas bateiritas que uma granada põe em fanicos, não te parece ó Acacio. . .

Interesses municipaes

E' uma parte d'este jornal que os nossos leitores *nunca devem deixar de lêr*. Sendo a que mais nos interessa, agora é da mais alta importancia o assunto que lá se versa. E para que nada lhe falte, tem sido a todos os titulos uma secção muito bem escrita.

Furto e roubo

De *O Mundo:*

Pavoroso reinado, o ultimo! De janeiro de 1890 a setembro de 1907 venderam se 90:000 contos nominaes de titulos da divida interna, que produziram 31:500 contos em dinheiro. Ao Banco de Portugal pediram-se emprestados 14:180 contos. Os dois emprestimos dos tabacos em 1891 e 896 deram, realisados, 25:315 contos. A divida fluctuante, que em 31 de dezembro de 1890 era de 33:328 contos, era em 30 de setembro de 1907 de 76:363 contos. A divida fluctuante cresceu, portanto, n'esses 17 annos, 42:640 contos. Pediram-se portanto, ao credito, de 1890 a 1907, 114:120 contos. Qual foi a applicação d'esse dinheiro? Para estradas, telegraphos e caminhos de ferro, 12:790 contos; para navios de guerra, 3:000 contos; para pagamento do caminho de ferro de Lourenço Marques, 5:000 contos. Faltam 93:000 contos. Para onde foram esses 93:000 contos? Para cobrir o *deficit*. O que é o *deficit*? O *deficit*, n'este caso, é um eufemismo que quer dizer *saque*.

Uma parte d'esse *saque* foi constituida pelos *adeantamentos* illegaes á casa real. A quanto montam esses *adeantamentos*? A 771 contos, dizia João Franco. A 7:000 contos, dizem outros. A 18:000 contos, murmuram alguns. Na falta dos elementos necessarios para apurar um algarismo certo e concreto, tanta confiança nos merece a primeira cifra, como a segunda, como a terceira. Como é que João Franco achou 771 contos? Se elle ainda estivesse no poder responderia á pergunta mettendo-nos no corpo 6 balas ou as febres de Timor. Porque é que são 7:000 contos? Porque é

que são 18:000? Mysterio, profundo mysterio guardado nas lauudas d'esse *balanço fraudulento* irrisoriamente alcunhado de *Orçamento Geral do Estado!*

Interesses municipaes

V

O distincto articulista, que versa o «assumpto local» do *Jornal d'Ovar* não conhece de certo quem escreve estas linhas, pois d'outro modo não perderia tempo a encabeçar o seu artigo com adjectivações, que, empregadas sinceramente, nos não podem ser applicadas, e, dictas com ironia, nos não magoam, não nos desvanecendo nem molestando em qualquer hypothese. Se foi sua intenção exaltar-nos, pedimos á sua amizade—pois crêmos contender com um amigo—nos poupe ao vexame de elogios descabidos não deixando, comtudo, de lhe agradecer muito sinceramente essa intenção.

N'uma coisa, porém, nos fez justiça: é quando crê que nós não quizemos ferir o *homem*. Effectivamente nós não quizemos nem queremos attingir a sua dignidade pessoal, que collocamos acima d'esta palestra amigavel, e, quando para isso tivessemos motivo, não o fariamos n'este logar e *nunca indirectamente*.

Afigura-se-nos, apesar do criterio opposto do nosso contendor, que, independentemente de susceptibilidades morbidas, não era possivel responder mais evangelicamente ao seu artigo. Releia o S. Ex.ª e attente n'umas *phrases sublinhadas*, que parecem escriptas á ponta de *canivete*, e verá que, dado o nosso horror á *naifa*, revelamos uma mansidão quasi egual á do Cordeiro Paschal. Posto isto, vamos ao que importa.

* * *

Quanto á materia principal d'esta discussão, a qual continuamos a tratar com gosto, bem merecendo pela sua importancia o espaço, que occupa no nosso jornal, sentimos ter de declarar que, apezar de toda a nossa boa vontade, não podemos concordar com o arrazoado do *Jornal d'Ovar*. Não é espirito de teimosia, que o articulista muito delicadamente attribue ao nosso *feitio*, é um producto da convicção logicamente raciocinada.

Tambem temos de fazer o reparo de que foi mal interpretado o nosso pensamento ou por outra o illustre articulista quiz levar-nos para o terreno da sua predilecção e maior proficiencia—os codigos — onde lhe appetecia brincar com a nossa ignorancia e mediocridade intellectual, o que aliás fará, querendo, em qualquer campo, attentos os altos dotes de espirito de S. Ex.ª. Responder-lhe-hemos sem invocar o auxilio do Divino Espirito Santo, que não estaria para nos aturar e com o unico recurso da nossa muita sinceridade e lealdade. A resposta facilitou se extraordinariamente desde que, havendo implicita annuencia á nossa doutrina, se circumscreveu o debate á interpretação do codigo administrativo, e isto ainda simplesmente para dirimir as difficuldades, que possam crear as estações superiores. Reduzida a questão a *tão pouco*, consola nos a ideia de que veremos realisado o que julgamos um importantissimo e urgente melhoramento para Ovar, pois nem mesmo o *terrivel* codigo a isso se oppõe. Nunca pensámos ter de manusear o codigo, porque o assumpto, que versavamos, era de tal grandeza e de tão reconhecida utilidade e necessidade municipaes, que não podiamos suppôr, que houvesse qualquer lei escripta ou qualquer corporação, que estorvasse a realisação do nosso projecto, o que seria absurdo. Mantemos a esta hora a mesma crença firme e viva. No emtanto vamos na corrente sympathica do nosso antagonista para o campo das leis, e confessamos que o fazemos com verdadeiro receio, porque sentimos a impressão de que, absolutamente inexperientes, nos expômos ao perigo de nos batermos em duello ao florete com um mestre d'armas. O dever manda e até hoje nunca lhe desobedecemos.

* * *

Em parte alguma do nosso artigo anterior se diz, nem se deprehende, que o R. G. de Saude e Beneficencia fazia *taboa raza* do Codigo Administrativo e regulava *sosinho* o nosso assumpto.

Se não nos referimos ao C. A. foi porque elle em nada contradiz os art. citados, e preferimos o Regulamento, porque é mais frisante para mostrar o espirito da lei, que colloca tanto *acima*, e com justa razão, a saude publica, que faz *depender* a existencia autonoma dos concelhos da creação de *facultativo municipal* e *sub delegado de saude*. N'este ponto crêmos ter attingido o nosso desideratum. Mas vamos ao codigo O art. 50, n.º 27, diz: compete á camara deliberar sobre subsidios a estabelecimentos de *beneficencia*, etc., *de que não seja administrador*, etc.

Nas annotações ao mesmo codigo por Jayme Arthur da Motta, citando a Rev. Leg. Jurisp., vol. 2.º, pag. 56, diz-se que nos concelhos, *onde não houver misericordias*, ou estas não tiverem bastantes recursos para crearem hospitaes, como é da indole da sua instituição, é conveniente que as camaras municipaes, *ou só por si*, ou com o auxilio das misericordias, fundem estabelecimentos, em que os enfermos necessitados possam ser tratados. No n.º 28 do mesmo artigo diz-se que é da competencia das camaras deliberar sobre a *creação* de estabelecimentos e institutos de utilidade para o concelho, etc. O art. 51, nos seus n.os 1 e 3, legisla sobre administração dos bens e estabelecimentos municipaes e sobre obras de construcção, reparação e conservação de propriedades municipaes, dando ás camaras poderes deliberativos. O art. 81 divide as despezas do municipio em obrigatorias e facultativas e colloca entre as primeiras pelo n.º 5 as de reparação e conservação das propriedades do municipio; pelo n.º 24 as da manutenção dos estabelecimentos de utilidade municipal creados pela camara e pelo n.º 25 os de dotação de todos os serviços municipaes regularmente estabelecidos.

Vamos a vêr se com estes elementos poderemos chegar á convicção de que qualquer camara póde crear e dotar um hospital. Cotejando o n.º 28 do art. 50 com os n.os 1 e 3 do art. 51 não póde restar duvida sobre a competencia das camaras para deliberar sobre o assumpto.

Pelos n.os 24 e 25 do art. 81 tambem nos parece que as camaras estão auctorisadas a incluir aquella despeza na classe das *obrigatorias*. Mas se se entender que deve ser mettida na classe dos facultativos, nada impedirá uma camara de o fazer, nem isso servirá de estorvo para a realisação da obra.

N'este caso terá de ser paga pelo excedente das receitas ordinarias ou pelas receitas extraordinarias, entre as quaes existe o emprestimo.

Mas a camara d'Ovar está em condições especiaes, porque *já tem o hospital creado*, já não póde eximir-se á sua sustentação, emquanto o administrar, já é *para ella despeza obrigatoria*. Se lhe assiste aquella obrigação, seria absurdo que podesse ser tolhida na deliberação de dar casa confortavel e hygienica aos *seus* doentes.

Supponhamos que o actual hospital se tornava absolutamente inhabitavel (e não está longe d'isso), deixaria de funccionar o estabelecimento por a camara ser incompetente para promover a construcção ou antes a *reconstrucção* d'outro? quem o accedita?! Depois *d'esta lição d'urso* veja o Mestre se nos marca *zero*.

* * *

Para finalisar perguntaremos: onde viu o nosso contendor no Codigo administrativo, que a construcção d'uma casa para *correios* e *telegraphos* fosse *despeza obrigatoria*? é a camara obrigada a installar esta repartição? como é então que as estações tutelares, que não podem ter conhecimento de que se vão construir cadeias, approvaram aquelle projecto e o seu orçamento? ou os artigos do codigo andam ao sabor das conveniencias do articulista?! Se laboremos em erro, é obsequio a correcção. A proposito do assumpto diz a *Discussão* que não quer causar embaraço á construcção das cadeias, do que discordamos em absoluto (já vê que o *accordo* não é completo). Aqui declaramos muito peremptoriamente que, se podessemos evitar esse crime, empregariamos todos os nossos esforços para o fazer, mesmo porque nos parece que o Codigo Penal pune todo o cidadão que assiste *de braços cruzados* á consummação d'elles, quando os possa evitar. O que podemos é pedir ao snr. presidente da camara, que, já que está annullada a arrematação, ligue o seu nome á empreza *hospital-cadeias*, para o que lhe sobram intelligencia e saber, e será abençoado por todo o concelho.

Fabio Cunctator.

CHRONICA AGRICOLA

VIII

Vinha — doenças e accidentes

São tão variadas e numerosas as doenças da vinha tão diversas, e por vezes communs a varias, as manifestações d'essas doenças que collocam em verdadeiros embaraços quem quer d'ellas cuidar.

Ha tambem accidentes de vegetação que vêm augmentar a confusão por apresentarem manifestações semelhantes.

Já em outra chronica fallei do oidium e mildiw; hoje vou procurar fornecer alguns elementos para a distincção das differentes doenças e accidentes.

Temos primeiro a *queima das parras* e o *escaldão do cacho* provenientes em geral dos golpes de sol.

Nas parras os effeitos da queima são semelhantes aos do mildiw e ainda aos d'um fungo que se chama—Botrytis cinerea. Estes distinguem-se da queima em que apresentam fructificações na pagina inferior (o pó branco do mildiw em que já fallei) o que não acontece n'aquella. No cacho distingue-se o *escaldão* das lesões das outras doenças, porque os bagos, mudando de côr, não apresentam depressão alguma e além d'isto só apparecem as manchas no lado do bago e do cacho que está voltado para o sol e só nos cachos a descoberto.

Acontece ás vezes apparecerem cachos em que uns bagos tomam o desenvolvimento normal e outros—a maior parte fica atrophiada, pequena até mesmo á maturação. Chama-se a isto *desavinho* e vulgarmente—*machio* ou *bagoinha*. Póde ser produzido por varias causas: um ataque de mildiw ou oidium, antrachnose etc., durante a floração, variantes rapidas de temperatura, chuvas ou nevoeiros prolongados durante a epocha da floração, o excesso de vigor da videira ou ainda um defeito da conformação das flôres. Quando o defeito é do vigor da videira remedeia-se carregando-a na póda isto é, deixando-lhe varas maiores e em maior numero.

Ha tambem a *chlorose* que afinal é uma verdadeira anemia que póde ser provocada por um excesso d'humidade ou de seccura do terreno, por falta d'adubação, por má adaptação da cêpa ao terreno o que se dá principalmente nas enxertias sobre americano. As folhas amarellecem e encarquilham, os rebentos são pequenos, entre nós curtos e erectos, tomando o aspecto emmangericado.

Estes symptomas são communs tambem ás cêpas atacadas de *phylloxera* ou *pourridiè* mas para conhecer estas doenças é preciso descavar a videira e examinar as raizes; no phylloxera têem, sobretudo as raizes novas, umas galhas ou pôtras e no pourridiè estão as raizes cheias d'agua, apodrecidas, com um cheiro tão caracteristico a pôdre que qualquer inexperiente o distingue e por vezes quando a doença está já adeantada, estão cobertas d'uma especie de bolôr branco. Para a chlorose o remedio varia com a causa da doença; se ella é o excesso d'humidade drena-se o terreno, se a má adaptação da cêpa só a mudança para uma variedade propria para o terreno cultivado. A videira chlorotica produz poucos cachos e sempre com machio; as atacadas de phylloxera e pourridiè augmentam extraordinariamente de producção no começo do ataque, morrendo depois.

Para a chlorose tem-se usado com vantagem como reconstituinte o sulfato de ferro (caparrosa verde) na razão de 300 a 500 grammas por cêpa ou em regas na primavera na razão de 200 grammas em 15 litros d'agua por cêpa.

Ha ainda a *apoplexia* que se dá na força de vegetação que póde ser parcial ou total; as folhas tornam-se baças, murcham, seccam e cahem. Raras vezes a videira atacada resiste; e se isso acontece fica, como na humanidade, subjeita a novos ataques.

Eu tive uma videira que durante 3 annos consecutivos teve ataques d'apoplexia parcial; só ao terceiro morreu esse braço que cortei, e vegeta ainda hoje normalmente a outra parte da videira que não foi atacada. Não ha remedio para esta doença que por a sua raridade poucos prejuizos causa.

Nas folhas apparecem ás vezes umas empôlas. Pódem ser causadas por a picada d'um aracuideo (Phytopus vitis) e chama-se então *crinose* que é a mais vulgar e tambem de pequena importancia, ou pódem ser provenientes do phylloxera ou de picada do Cecidomyacœnophila. O phylloxera que só é

FOLHETIM

ARA

O Mundo não é mais que um elemento
compôsto de elementos deseguaes,
aonde existe um vão contentamento
existe só desgraça e nada mais.

Vêde a miseria, o luto e o sofrimento
aonde vimos glorias imortaes!
Castelos d'oiro, postos contra o vento,
eil-os por terra:—louzas sepulcraes.

Já se lá vae o tempo da ventura
nas azas de insondaveis turbilhões!...
Que um bem, um doce alivio pouco dura.

A Duvida suplanta os corações...
E esta gente de agora só procura
encobrir as maldades e ambições!...

*

A febre vae minando este meu peito
já rouco de tossir e de chorar.
O' estrelas! O' correntes de luar!
Eu sinto-me cançado...abri-me o leito.

Fantasmas que eu deploro e que eu respeito
ante os meus olhos vejo rodopiar
quem são?—talvez amigos do meu lar,
saudozos de um passado já desfeito.

N'uma estranha caudal vertijinosa
como as tragicas ondas da levada,
perdi meus lindos sonhos côr de roza.

De que me serve amar a vida airada?!..
A Luz adora a treva silencioza...
O coração de um pobre aspira ao Nada!...

*

Deixae falar os olhos deslumbrados
no turbilhão das côres sonolentas;
fuja o sol, com seus raios apagados,
ou rompa a aurora em nuvens turbulentas.

Quero á luz dos prazeres derramados,
sentir a fundo as comoções sangrentas
revolvêr-me entre os corpos embriagados
na lucta heroica das paixões violentas.

E quando um dia, a esprança já perdida,
me fuja toda a luz, todo o calôr,
toquem-me uns labios de mulher querida.

Quero sentil-os num supremo ardôr...
Labios postos em mim, sugando a vida,
pra que reviva a sensação do Amôr.

*

Senhora:—ha corações que me hão beijado
com palavras de afecto e de carinho,
e outros, pedras que encontro no caminho,
me teem escarnecido e repudiado.

Mas estes, doidos, nulos, hão mostrado
quanto a Inveja lhes crava o agudo espinho;
e aqueles confortaveis como o linho,
só grandeza e sabêr hão revelado.

Não me perturba a Inveja destruidora,
porque a Inveja dos outros me engrandece.
A noite não suplanta a luz da Aurora.

Mas vêde que desgraça pela Vida!
D'onde o Amôr se não espera é que aparece...
D'onde se espera é uma ilusão perdida!

Santos Luz.

perigoso sob a fórma radicicola isto é, o que vive nas raizes, chega a ganhar azas e a transportar-se a grandes distancias; deposita então nas folhas os ovos formando assim taes empôlas que se distinguem das do Cecidomya porque as d'este são conicas e para as duas paginas das folhas tendo a abertura por a pagina inferior e as do phylloxera só para a pagina inferior aquellas são geralmente lisas e estas ornadas de pellos.

Estas galhas ou empôlas do phylloxera raras vezes apparecem em folhas de vide europêa; eu já as observei em Ovar em folhas de vide americana chegando com uma lente (vidro d'augmento) a distinguir-lhe os ovos no fundo do galho.

Para terminar fallarei das lagartas: pódem ser de *pyrale*, de *cochylis* ou de *pulgão*.

A primeira é esverdeada, cabeça negra, 2 millimetros de comprimento; róe de noite as folhas tenras e os cachos e de dia abriga-se nas folhas segregando uma baba que fórma um fio (como as aranhas) e com que formam os abrigos.

A da *cochyllis* ou *lagarta do cacho* muito tempo confundida com a pyrale, é avermelhada, de cabeça escura; tambem segrega uns fios e só ataca o cacho, mas até quasi á maturação. A do pulgão é amarellada, aos anneis pontuados de preto e tem 6 patas. As folhas atacadas ficam com o aspecto d'uma renda. Todos se combatem caçando os insectos perfeitos (borboletas na pyrale e cochyllis) e destruindo as parras atacadas. Mas o principal tratamento faz-se no inverno tirando as cascas velhas e fazendo a escalda da cêpa.

Em outras chronicas estudarei detalhadamente cada uma das doenças, accidentes e inimigos da videira de que aqui quiz apenas dar umas indicações muito ligeiras.

* * *

ARTES & LETRAS

NÃO SEI...

Não sei que triste sina me persegue
sem piedade, sem dó, constantemente,
a ponto de fazer de mim um ente
á Indifferença quasi todo entregue.

Não sei que maldição sempre me segue,
pois tendo eu sido um verdadeiro crente,
ao proprio Deus, agora, irreverente
não sei se o hei de crer, não sei se o negue.

Tenho soffrido tanto, e ao soffrimento
tão habituado tenho o coração
onde só móra a Dôr e o Desalento,

que entre uma realidade e uma illusão
quasi não faço bom descernimento:
quasi não sei se é bom soffrer ou não!

Junho — 906.

Boamerges.

VULGARISAÇÃO SCIENTIFICA

AO CORRER DA PENNA

D'entre os varios flagellos que hoje assoberbam a humanidade, o alcoolismo é certamente um d'aquelles que mais prejudiciaes e funestas consequencias arrasta para as agglomerações humanas. Em todos os tempos e em todas as gerações se tem decretado medidas variadas todas tendentes a evitar esta chaga social e privada que de par com a tuberculose, constituem os dois maiores inimigos do nosso planeta.

Na antiga Roma em Sparta, Carthago, Athenas punia-se a embriaguez com a pena de morte, e Mahomet, o fundador do islamismo, proscreveu completamente as bebidas alcoolicas aos seus discipulos que obedecendo lhe, deram e continuaram a dar a mais cabal demonstração de que não é o vinho, nem as bebidas alcoolicas que dão ao homem maior robustez e resistencia. Todos conhecem a valentia e a resistencia do soldado turco que foi sempre considerado o melhor do mundo e todavia os turcos não bebem.

Os estragos produzidos pelo alcoolismo são tão extraordinarios que já alguem lembrou extirpar a vinha. Domiciano na Gallia e mais perto de nós, Carlos IX e Henrique III foram d'esta opinião e tiveram essa desideratum.

Infelizmente esse remedio nada remediava, antes pelo contrario aggravaria a situação porque se iria substituir, como se substitue hoje em grande escala, um mal por outro ainda peor.

E' muito frequente hoje a falsificação de todos os generos alimentares, o vinho e as bebidas alcoolicas não fogem a ella. Ha muitas *fabricas de vinhos!* onde se consegue obter vinho sem vinha e sem uvas. São horriveis misturas, coradas com fuchsina e anilina, cheias de alcool de qualidade inferior, contendo venenos violentos como a pyridina e ás quaes se junta o bouquet ou oleo de vinho tirado do oleo de côco, do oleo de ricino, da manteiga de vacca.

Modernamente tem-se procurado por mil maneiras oppôr obstaculos a essa onda crescente, que na sua avassaladora impulsão leva ao organismo social e ao organismo individual as mais terriveis e funestas consequencias, definhando as raças, enfraquecendo os espiritos, amortecendo as aptidões, de modo a tornar um povo de forte e vigoroso, n'um povo apathico, mental e physicamente degenerado.

Na America os alcoolicos são enviados para as penitenciarias agricolas, onde cultivam a terra e executam trabalhos penosos. Este processo dá uma média de 35 % de curas.

As sociedades de temperança na Inglaterra e America tem tambem obtido resultados admiraveis.

Na Russia usam se meios energicos. O alcoolico é preso e dá-se-lhe a beber, juntamente com a sua bebida predilecta, um liquido o mais detestavel possivel, azeite infecto, no fim d'alguns dias restitue-se-lhe a liberdade, mas ficou tão enojado d'aquillo que d'antes apreciava que sáe geralmente corrigido d'esta prova.

Differentes leis tem tambem sido decretadas principalmente em França, punindo como um delicto a embriaguez, mas certamente essas leis não são sufficientes nem dão resultados praticos.

A nosso vêr a questão deve ser encarada sob dois pontos de vista. Em primeiro logar seria necessario, por todos os meios ao nosso alcance, desviar os individuos alcoolicos das tabernas e logares analogos, chamando-os por meio de varias diversões e passeios publicos hygienicos a sitios onde esqueceriam o seu vicio e obrigando por lei, como isso se faz na Inglaterra, a fechar as tabernas aos domingos lançando impostos e direitos elevados sobre todos os generos alcoolicos e castigando severamente todos os negociantes de vinhos que vendem bebidas falsificadas e consentem que os seus freguezes bebam demasiado e além dos limites razoaveis.

Seria mesmo util e conveniente transformar as tabernas em estabelecimentos onde se não vendesse senão chá, café, chocolate. Em Liverpool um industrial rico lembrou-se de abrir perto das docas uma casa d'esse genero. Alli não se consomem senão as bebidas acima referidas, pão e queijo. Este individuo fez não só uma boa acção, mas tambem uma grande fortuna por esse facto.

A familia e principalmente a mulher, exercendo a sua influencia sobre o homem pelas suas palavras e pelo exemplo, transformando o lar n'um recanto agradavel e hygienico, primando sempre pela limpeza e pela boa cosinha, chamando o homem ao convivio familiar e ás alegrias do menage, afastaria um tanto o perigo.

Existirá um medicamento que constitua o verdadeiro antidoto do alcool? Não. Todavia um certo numero de processos tem dado alguns resultados. Entre outros citaremos a addição d'uma certa quantidade d'alcool a todas as bebidas e a todos os elementos afim de desgostar os alcoolicos, ou então um medicamento emetico afim de produzir um estado nauseoso sem que os individuos dêm por isso, ou juntando a todos os alimentos e bebidas um pouco de bicarbonato de soda, 8 a 10 grammas por dia, sem que o alcoolico o suspeite.

Tudo isto poderá produzir uma certa repugnancia que trará como consequencia diminuição notavel na quantidade de bebidas alcoolicas ingeridas.

Por ultimo e como medida de maior alcance e de maiores resultados praticos seria a educação anti-alcoolica, executada nas escolas primarias, onde o professor deveria ter por obrigação incutir no espirito das creanças os perigos do alcoolismo e onde elle todos os mezes faria uma palestra n'esse sentido, acompanhando as creanças no exame e inspecção de varios quadros allusivos onde se representariam d'uma maneira palpavel e perfeitamente reconhecivel os estragos produzidos pelo alcool em differentes individuos ali representados, como isso se faz lá fóra e já algum tanto entre nós, por essas exposições educativas — promovida pelas varias associações anti-alcoolicas. A creança reteria assim os perigos que provem do alcoolismo e a educação assim fornecida traz sempre resultados praticos sensiveis, pois é sempre pela base, pelos alicerces que é preciso começar e tornar solido o edificio que se pretende construir, quer elle seja um edificio material quer um edificio organico e social.

Salus.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Passou o seu anniversario natalicio no dia 30 de junho a menina Aurora Gomes Pinto, sympathica filha do snr. José Maria Gomes Pinto.

Tambem fazem annos:

Hoje, o nosso estimado amigo Antonio Corrêa Dias e Ribeiro.

E ámanhã a snr.ª D. Maria José Coentro de Pinho, esposa do snr. Abel de Souza e Pinho.

As nossas felicitações.

=Esteve entre nós, regressando já a Thomar, o nosso amigo José Gomes dos Santos Regueira.

=Cumprimentamos n'esta villa, onde esteve de passagem, o nosso excellente correligionario Manuel Soares Guedes, bemquisto industrial em Lisboa.

=Deu-nos ha dias o prazer da sua visita, o snr. Anselmo Caniceiro, de Mattosinhos, que acaba de regressar de Manaus, um tanto ou quanto abalado do *physico* e do *moral*.

Appetecemos-lhe nervos e amores novos.

Festividades e arraiaes

Tiveram regular concorrencia e correspondente animação as festas realisadas nos dias 23 e 24 no logar de S. João em honra do Santo Precursor.

As musicas que tomaram parte nas festas foram muito applaudidas, sobretudo a de S. Thiago de Riba Ul, que pela primeira vez se fez ouvir entre nós.

Tanto o *banho santo* na praia do Furadouro como pelas ruas as danças e os descantes nas fogueiras e mastros de pinhas correram este anno com bastante pronunciada desanimação.

O claviculario S. Pedro não teve festas e a mesma falta de enthusiasmo se fez sentir pelas ruas nas fogueiras que em sua honra é costume accender.

=Projecta-se levar a effeito este anno a festividade da Senhora do Porto, que, como é sabido é uma das mais brilhantes que entre nós se realisa.

Para esse fim está aberta uma subscripção promovida por um grupo de rapazes, achando-se as listas dos subscriptores nas seguintes localidades e estabelecimentos:

Na Praça — Havaneza Ovarense e Manoel Valente d'Almeida.

Campos — José Ferreira Malaquias.

Bajunco — Manoel Gomes Ravasio.

Ponte Nova — Viuva Balreira.

A realisarem-se, estes festejos assumirão uma desusada imponencia. Bom é, pois, que todos prestem o seu concurso para uma festa de tal ordem, com o que só tem a lucrar esta infeliz e esquecida Ovar.

—Revestiu o costumado luzimento a festividade que na preterita sexta-feira se realisou na capella da Senhora da Graça em honra do Coração de Jesus.

Excursão

Não se effectuou a excursão a Coimbra que estava marcada para o dia de S. Pedro, pelo facto de não haver numero sufficiente de inscripções que garantissem a despeza a fazer-se.

Desastre

No dia 26 de junho, na praia do Furadouro, deu-se um desastre maritimo que ia custando a vida a cêrca de 50 pescadores, que era o numero de tripulantes d'um barco da companha Boa Esperança. Na occasião em que um barco d'esta companha seguia de terra, é fortemente investido por tres enormes vagalhões, que teriam feito submergir a pequena embarcação se não fosse a pericia e presença d'espirito que mantiveram, não abandonando a direcção do barco. Ainda assim este encheu-se d'agua e alguns tripulantes foram lançados d'encontro ao costado da embarcação, recebendo em consequencia d'isso alguns ferimentos, sem gravidade felizmente, os quaes foram pensados pelo distincto facultativo e nosso amigo dr. Salviano Cunha.

Acto

Fez ha dias acto do segundo anno de theologia no seminario episcopal do Porto, obtendo plena approvação, o nosso patricio Homero Rodrigues da Silva.

Parabens.

INDICAÇÕES UTEIS

COMMERCIO

(Noticias da ultima semana)

CAMBIOS

No Porto: valor da libra, ouro, de 5$040 a 5$070 réis.

Valor da libra, papel, de 5$000 a 5$030 réis.

No Brazil: cambio — 15 1/4 — s/ Londres, valor da libra, 15$736 réis.

Custando no Brazil uma libra 15$736 réis, produz em Portugal, ao cambio de 47 13/16 5$019 réis.

Cada 100$000 réis brazileiros, a esta taxa, produzem 32$770 réis, moeda portugueza.

PREÇOS DOS GENEROS

No nosso mercado

ARROZ

Setubal,	1.ª qual., 15 kilos	1$500	réis
	2.ª qual., 15 kilos	1$400	»
Rajado,	1.ª qual., 15 kilos	1$450	»
	2.ª qual., 15 kilos	1$350	»
	3.ª qual., 15 kilos	1$250	»
Azeite,	1.ª qual., 26 litros	7$600	»
	2.ª qual., 26 litros	7$000	»
	3.ª qual., 26 litros	6$800	»
Alcool puro, 26 litros		7$300	»
Aguardente de vinho, 26 litros		4$200	»
»	bagaceira, 26 litros	3$500	»
»	de figo, 26 litros	2$400	»
Batatas, 15 kilos		360	»
Centeio, 20 litros		800	»
Fava, 20 litros		730	»
Farinha de milho, 20 litros		740	»
Feijão vermelho, 20 litros		1$200	»
»	branco, 20 litros	1$200	»
»	mistura, 20 litros	1$000	»
Geropiga fina, 26 litros		2$400	»
»	baixa, 26 litros	1$800	»
Milho branco, 20 litros		710	»
»	amarello, 20 litros	660	»
Vinho tinto, 26 litros		1$000	»
»	branco, 26 litros	1$100	»
»	verde, 26 litros	1$200	»
Vinagre tinto, 26 litros		750	»
»	branco, 26 litros	900	»

PESCADO

No Furadouro

Companha Boa Esperança — Rendimento de janeiro a maio	11:100$450 réis
Companha do Soccorro — Rendimento de janeiro a maio	3:821$610 réis
Companha S. Pedro — Rendimento de janeiro a maio	1:970$260 réis
Companha S. José — Rendimento de janeiro a maio	2:135$160 réis
Companha S. Luiz — Rendimento de janeito a maio	3$670 réis
Pescado de diversos — Rendimento de janeiro a maio	21$700 réis

No nosso mercado (Campos)

Pescado de diversos — Rendimento de janeiro a maio	2:565$250 réis

CORREIO

Continente, Ilhas, Africa e Hespanha

Cartas: até 20 grammas ou fracção 25 réis.
Jornaes: cada 50 grammas ou frac. 2 1/2 réis.
Registo: além do respectivo porte 50 réis.
Vales: por cada 5$000 réis ou frac. 25 réis.
Encommendas postaes: Continente e Ilhas, 200 réis até 3 kilos, 250 réis até 4 kilos e 300 réis até 5 kilos.
Amostras: Cada 50 grammas ou fracção, 5 réis. Limite de peso 250 grammas.
Telegrammas: no paiz, taxa fixa 50 réis, por palavra 10 réis.

Brazil e mais paizes estrangeiros, excepto Hespanha

Cartas: até 20 grammas 50 réis.
Por cada 20 grammas a mais ou fracção 30 réis.
Jornaes e impressos: cada 50 grammas ou fracção 10 réis; peso maximo 2 kilos.
Jornaes para o Brazil: cada 50 grammas ou fracção 5 réis.
Bilhetes postaes: cada 20 réis.
Registo: além do respectivo porte 50 réis.

MALAS POSTAES

Partidas de Ovar para

Africa Occidental, em 6 e 21.
Africa Oriental, em 9.
Bahia, em 5, 7, 12, 13, 21, 26 e 27.
Manaus, em 8, 12, 18 e 28.
Pará, em 8, 12, 18, 22 e 28.
Pernambuco, em 5, 8, 12, 13 e 21.
Rio de Janeiro, em 5, 7, 8, 12, 13 e 21.
Rio Grande do Sul, em 7, 12, 20, e 27.
Santos, em 5, 7, 8, 12, 13, 21, e 27.

Registos: um dia antes.

ARMAZEM DE LANIFICIOS E FAZENDAS BRANCAS

DE

ALVES CERQUEIRA

PRAÇA — OVAR

N'este estabelecimento vendem-se todos os artigos de lanificios e de fazendas brancas por preços momodos.

Grande sortido de toalhas de Guimarães, lençoes de banho, guardasoes e chapeus.

Agencia das importantes Companhias de Seguros — Probidade e Indemnisadora — e do Banco Commercial de Lisboa.

GRANDE DEPOSITO DE AZEITE

DE

JOSÉ RODRIGUES FIGUEIREDO

NA

RUA DAS FIGUEIRAS — OVAR

Tem sempre, para revenda, azeites das mais finas qualidades e de magnifico paladar, do Douro, Beira Alta, Beira Baixa e Elvas, que vende a preços relativamente baratos.

MERCEARIA VALENTE

PRAÇA — OVAR

Além d'outros artigos de mercearia, encontra-se á venda n'este estabelecimento toda a qualidade de vinhos do Porto e Madeira, manteigas recebidas directamente das melhores fabricas de Cambra.

Variado sortido de ferragens, tintas e vernizes.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Ernesto Zagalo de Lima

PHARMACEUTICO

Rua da Praça — OVAR

Domingos da Fonseca Soares

COM

ARMAZEM D'ARROZ

NA

Rua de S. Bartholomeu — OVAR

Salvador & Irmão

RUA DA GRAÇA — **OVAR**

VENDEM

Arroz nacional de todas as qualidades, milho nacional e estrangeiro e mais cereaes de producção acional.

A PREÇOS BARATOS

MANUEL DA SILVA

BONIFACIO & C.ª

COM

DEPOSITO

DE

Arroz nacional, cereaes e legumes seccos.

Rua de Santo Antonio — **OVAR**

CASA CERVEIRA

FURADOURO

Hotel—Café e Bilhar

Bons commodos, bom tratamento a preços modicos.

Aberto de 1 de Julho a 20 de Novembro.

HORARIO DOS COMBOYOS

DO PORTO A OVAR E AVEIRO

DESDE 15 DE MAIO

	Comboyos	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Tr.		Tr.	Exp.	Tr.	Rap.	Tr.	Tr.	Cor.
MANHÃ	S. Bento	5,19	6,35	7	8,50	9,39	TARDE	1,55	2,45	3,33	5	5,15	6,26	8,45
	Espinho	6,20	7,30	8	9,28	10,48		2,55	3,40	4,31	5,39	6,22	7,26	9,46
	Esmoriz	6,36	7,38	8,16	—	11,2		3,11	—	4,46	—	6,38	7,42	9,53
	Cortegaça	6,42	—	8,22	—	11,7		3,17	—	4,52	—	6,44	7,48	—
	Carvalh.ra	6,48	—	8,28	—	11,11		3,23	—	4,59	—	6,50	7,54	—
	OVAR	6,58	7,52	8,38	—	11,22		3,33	3,59	5,9	—	7	8,5	10,13
	Vallega	—	7,57	—	—	11,29		—	—	—	—	—	8,11	—
	Avanca	—	8,2	—	—	11,35		—	—	—	—	—	8,18	—
	Aveiro	—	8,36	-	10,6	12,16		—	—	—	6,14	—	8,58	10,55

DE AVEIRO E OVAR AO PORTO

	Comboyos	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Tr.		Rap.	Tr.	Tr.	Om.	Tr.	Rap.	Om.
MANHÃ	Aveiro	3,54	5,45	—	—	11	TARDE	2,5	—	—	5,34	—	9,55	10,23
	Avanca	4,37	—	—	—	11,39		—	—	—	6,9	—	—	—
	Vallega	4,43	—	—	—	11,43		—	—	—	6,14	—	—	—
	OVAR	4,51	6,23	7,20	10,1)	11,54		—	4.15	5,35	6,23	7,25	—	11,4
	Carvalh.ra	5,2	—	7,31	10,21	12,4		—	4,26	5,46	—	7,36	—	—
	Cortegaça	5,7	—	7,36	10,26	12,8		—	4,31	5,51	—	7,41	—	—
	Esmoriz	5,13	6,37	7,42	10,33	12,13		—	4,37	5,57	6,38	7,47	—	11,18
	Espinho	5,30	6,46	7,59	10,51	12,30		2,39	4,54	6,14	6,51	8,4	10,34	11,28
	S. Bento	6,34	7,47	9,2	11,54	1,47		3,18	5,58	7,15	8,1	9,3	11,16	12,26

CASA CERVEIRA

PRAÇA — OVAR

Mercearia, miudezas, vinhos finos e bebidas de todas as qualidades.

Grande deposito de esteios de lousa, para vinha e vedações.

Tanques de lousa para agua, bancas de lousa para cozinha, por preços inferiores aos do Porto, por contracto com uma importante fabrica de Vallongo.

Grande sortimento de livros escolares e litteratura, encarregando-se de mandar vir com toda a rapidez, toda e qualquer obra, nacional ou estrangeira, sem augmento de preço.

Agencia de todas as casas editoras, tomando assignatura de qualquer obra.

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

EM

OVAR—Rua das Figueiras

DE

Carrelhas & Filho, Successor

Vinhos maduros, verdes (tintos e brancos) e finos.

Alcool, aguardente de vinho e bagaceira, geropigas finas e baixas.

Vinagres tinto e branco.

Na sua conhecida **TANOARIA**, faz toneis, pipas, meias pipas, barris de quinto, decimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

Tudo a preços convidativos.

RELOJOARIA

Serve magnificamente em seriedade de transações e em perfeição de trabalho a de Augusto da Cunha Farraia.

Ovar—Rua da Praça

Vinhos tintos, brancos e geropigas

Directamente recebidos das propriedades do Ill.mo Snr. Manoel Valente de Almeida, vendem-se a retalho no estabelecimento de Augusto da Cunha Farraia.

Companhia de Seguros "Portugal,,

Sociedade anonyma de responsabilidade limitada

Capital Rs. 1.600:000$000

Emittido 320:000$000

EFFECTUA

SEGUROS TERRESTRES

contra

Fogo, incluindo o proveniente de raio ou explosão de gaz, sobre moveis, propriedades e estabelecimentos em todo o reino

E

SEGUROS MARITIMOS

contra

Avaria grossa e particular

Séde em Lisboa

Agente no Porto: José Ribeiro Borges

EM OVAR: Dá informações sobre esta importante Companhia **Fernando Arthur Pereira**, na tanoaria Carrelhas—Rua das Figueiras.